

V NOVEMBRO NEGRO  
VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
DE DIREITOS HUMANOS  
| FÓRUM DE LETRAMENTO RACIAL | 2025



**A CONSTRUÇÃO DO “NÃO-SER”: RACISMO, SAÚDE MENTAL E NEOLIBERALISMO COMO DISPOSITIVOS DA COLONIALIDADE**

*Melissa Ribeiro Gaiovis<sup>1</sup>*

Este trabalho propõe uma análise crítica da saúde mental e da política de drogas no Brasil como expressões contemporâneas da colonialidade e do racismo estrutural. A partir de Frantz Fanon, especialmente da noção de “zona do não-ser”, compreende-se o sofrimento psíquico como produto histórico da desumanização colonial, que persiste na lógica manicomial e nas práticas de controle sobre corpos negros, pobres e periféricos. A remanicomialização e o avanço das comunidades terapêuticas configuram tecnologias sociais de exclusão, travestidas de cuidado, que reproduzem o epistemicídio denunciado por Lélia Gonzalez e Cida Bento. Sob o neoliberalismo, essas dinâmicas se intensificam: o sofrimento é individualizado, a pobreza moralizada e a saúde mental transformada em nicho de mercado. Assim, o sujeito racializado é responsabilizado por dores produzidas estruturalmente, enquanto o Estado se exime por meio de políticas de austeridade, privatização e criminalização. A pesquisa adota abordagem qualitativa e análise documental e bibliográfica, articulando Fanon, Mbembe e os Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), para compreender as políticas de drogas e saúde mental como aparatos tecnopolíticos de controle. Os resultados preliminares indicam que o discurso da neutralidade científica e do cuidado apolítico legitima práticas necropolíticas e mantém a branquitude como referência normativa de humanidade. Conclui-se pela urgência de epistemologias negras e decoloniais que reconheçam o sofrimento como fenômeno político e coletivo, reposicionando o cuidado como prática de liberdade, solidariedade e justiça racial.

<sup>1</sup> Mestranda em Tecnologia e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Pós-graduanda em Trabalho com Famílias e Sociabilidade do Centro Internacional Universitário (UNINTER). Assistente Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR/2023). Especialista em Estratégias de Enfrentamento à Violência pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER/2024). Integrante do Núcleo de Estudos de Branquitude, Racialidade e Tecnologia Cida Bento (NEBRACI) da UTFPR. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: [melribeirogaiovis@gmail.com](mailto:melribeirogaiovis@gmail.com)

V NOVEMBRO NEGRO  
VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
DE DIREITOS HUMANOS  
| FÓRUM DE LETRAMENTO RACIAL | 2025



**Palavras-chave:** Saúde mental; Racismo; Colonialidade; Neoliberalismo.

## Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Thaís de Andrade Alves; ROSA, Lucia Cristina dos Santos. A remanicomialização do cuidado em saúde mental no Brasil no período de 2010-2019: análise de uma conjuntura antirreformista. *O Social em Questão*, n. 4, p. 111–138, 2019.

KRUGER, Eduardo Leite et al. Apropriação do conhecimento tecnológico. In: SILVA, Maclovia Corrêa da (org.). *Conversando com a tecnologia*. Curitiba: UTFPR, 2015.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.